

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

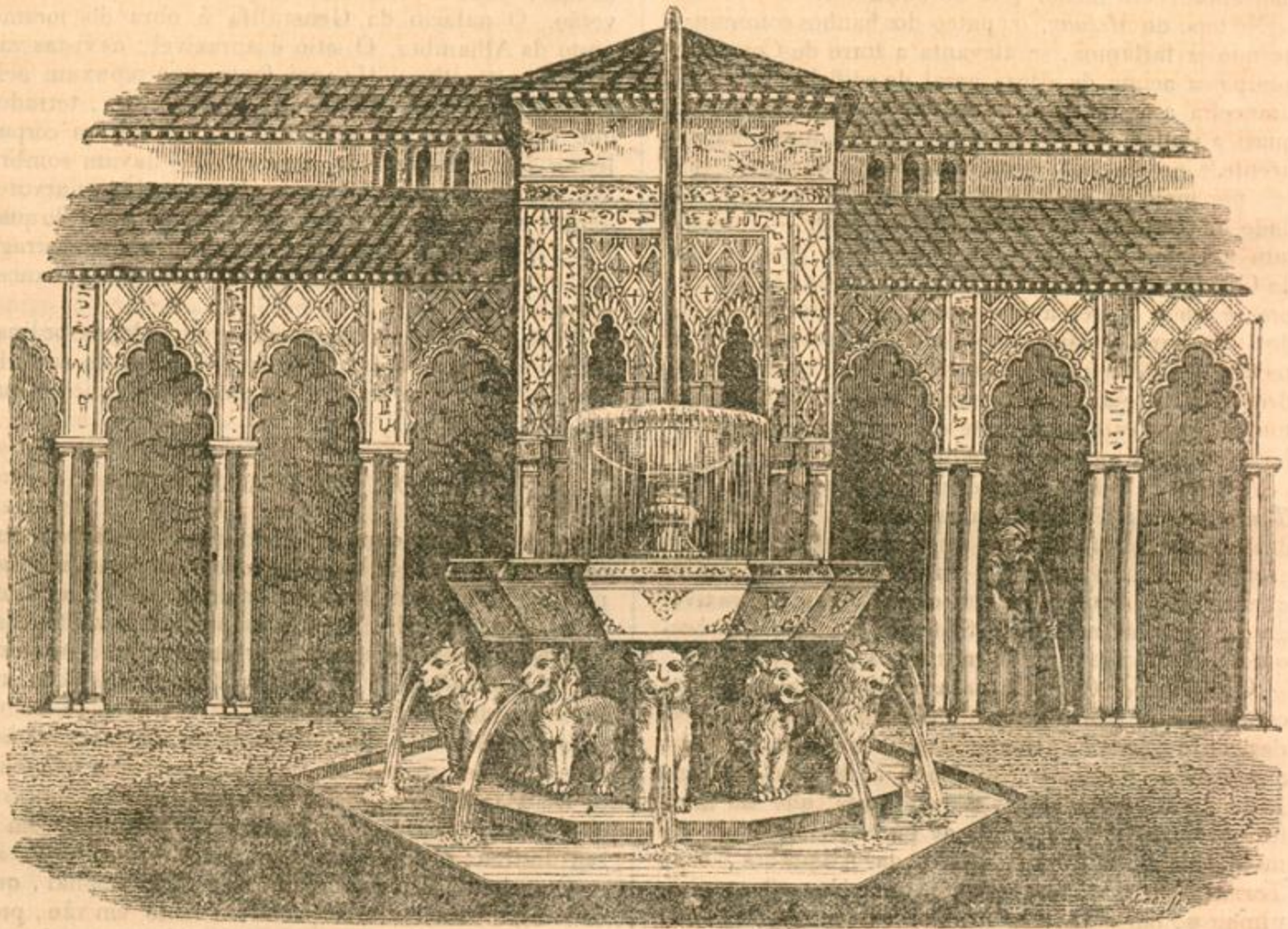
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

9.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

JULHO 1, 1837.



PATEO DOS LEOENS.

ALHAMBRA.

A ALHAMBRA é uma antiga fortaleza, ou palacio acastellado dos reis mouros de Granada. D'ahi regiam elles parte da romantica Hespanha, e naquella parte deste paiz expirou tudo o que restava do imperio dos Arabes. Occupa o palacio só uma porção da fortaleza, cujos muros torreados circumdam irregularmente a cumiada de um erguido monte, que campêa sobre a cidade, e fórma um braço da Serra Nevada. No tempo dos Mouros, a fortaleza podia conter 40.000 homens, e ás vezes servia de guarida aos soberanos contra os vassallos rebellados. O pateo, por onde se entra nestes esplendidos paços, chama-se o dos banhos publicos; é um vão oblongo; tem no meio um tanque profundo de agua limpida, á qual se desce por degraus de marmore, e está rodeado de lorangeiras. O pateo é lageado tambem de marmore, e as area-rias que o fecham pelos lados estão sustidas em pilares de certo gosto, que não se parece com outro qual-quer das ordens communs e regulares de architectura; e as paredes e abobadas são lavradas de relevo. Em cada painel estão escriptas sentenças arabicas, que dizem: *Só Deus é conquistador* — e: *Obedeci ao nosso soberano, e honrai-o.* O apainelado das abobadas é dourado ou pintado, e as côres ainda conservam todo o brilho e viveza: a parte inferior das paredes é de mosaico enxerido em laçarias e grinaldas phantas-licas. Os porticos são á maneira de grutas, e um del-

VOL. I.

les fórma uma galeria onde repercute longamente o eccho.

Em frente da porta por onde se entra ha outra que dá sobre o pateo dos leões, que é tambem oblongo, e tem cem pés de comprido e cincoenta de largo, cercado de arcaria, e lageado de marmore branco. As paredes, até a altura de cinco pés, são forradas de azulejos azues e amarellos, os quaes cinge por baixo e por cima uma fieira de tarjas esmaltadas de ouro e azul, com motes arabes, que dizem: *Só Deus é conquistador.* — As columnas, que sustem o tecto e a galeria, são de marmore branco, mui delgadas, com adornos desvairados, e collocadas irregularmente. Vario é tambem o desenho dos capiteis. É ahi de notar que entre tanta diversidade de folhagens, brutescos, e ornatos extravagantes, não ha, nem por sombras, uma representação do reino animal. No tempo dos Mouros o edificio estava coberto de grandes azulejos pintados, de que ainda alguns permanecem.

No centro do pateo ha doze leões, que sustem um tanque enorme, do meio do qual se alevanta outro mais pequeno: este tem um repuxo d'agua, que vem cair no tanque, e delle, pelas bocas dos leões, n'uma grande repreza, donde se deriva para as differentes quadras por varios canos. A fonte é de marmore branco, adornada com grinaldas, e sentenças arabicas, que descrevem com hyperboles orientaes a formosura e maravilhas da fonte.

Á esquerda do pateo dos leões está uma sala re-

donda, chamada dos Abencerrages, porque ahi, segundo se diz, mandou Abdallah cortar a cabeça aos cavalleiros desta illustre familia, e deitar-lh'as n'um deposito d'agua, que está no meio della.

Fronteira a esta sala está a *das duas irmãs*, que tomou este nome de duas grandes lagens de marmore branco, que tem no meio do pavimento, e nas quaes não apparece a menor veia de outra côr.

No topo do *Mesuar*, ou pateo dos banhos communs, de que já fallámos, se alevanta a torre de *Comares*, que passa acima da altura geral do edificio, e está sobranceira a um algar profundo, que vai descendo, quasi a prumo, até o rio Darro. Certo, que é magnificente a perspectiva desta torre! — O aprazível valle, por meio do qual serpêa o Darro — parte da cidade de Granada — e a sua extensa veiga — apresentam um formoso panorama natural. A grande sala de *Comares* era, sem duvida, a mais rica da Alhambra, e ainda conserva vestigios do seu passado esplendor. As paredes são primorosamente estucadas, e o tecto é de cedro marchetado de marfim, prata, e madreperola. Arejam-na immensas janellas, talhadas nos muros espessissimos: e deste mesmo modo são ventiladas todas as quadras da Alhambra.

A leste da *sala de Comares* fica outra chamada o *Toucadour da Rainha*: a um canto della está uma pedra cheia de buracos, por onde entrava o fumo dos aromas preciosos, que por baixo daquelle quarto se queimavam. Aqui ao pé está o jardimzinho aprazível de *Lindaraja*, com uma fonte de alabastro, e bosquesinhos de roseiras, de murta, e de laranjeiras.

Quem vai de Granada para a Alhambra, o melhor caminho que tem é a rua de *Gomeles*, cujo nome se derivou do de uma illustre familia mourisca. Ao sair a *porta das Romeiras*, divide-se a estrada em tres. A do meio é para seges, e as lateraes, que são muito ingremes, para a gente de pé. — O caminho do meio vai por entre os outeiros da Alhambra, e as *Torres Bermejas*, atravessando uma basta floresta de ulmeiros, tão enredados uns por outros, que não entra ahi raio de sol. É sitio abundante d'aguas, e chegando acima, dá-se com a fonte de Carlos 5.º posta n'uma especie de terrado, donde a vista se espraia por toda a encosta. Passada esta fonte, chega-se á porta chamada *Judiciaria*, porque, segundo o costume dos orientaes, ahi se administrava a justiça. — É uma torre quadrada, cuja entrada em volta de ferradura lhe sobe a meia altura; e é acabado typo deste genero de arco, tão característico da architectura arabica. N'uma pedra da torre está uma inscripção que declara ter sido construida esta porta por Abul-Hajjaj no anno da Hegira 743, de Christo 1348. Entra-se então no vestibulo, que corre com a barbacan, e dá para a praça dos *Algibes*, ou cisternas. Estas são duas: a maior tem 102 pés de comprido e 56 de largo. Nestes algibes assentava e purificava-se a agua, e estava sempre fresca, para o gasto do castello.

Para a banda oriental deste pateo estão os paços de Carlos 5.º; obra de estilo quinhentista, do celebre architecto Berreguete. Ao norte fica-lhe a entrada do *Mesuar* e começa o antigo palacio, que já descrevemos no principal.

A Alhambra foi edificada por Mohammed 2.º pelos annos 675 da Hegira, ou 1273 da nossa era. Deu-lhe o nome de *Medinet-Alhambra* ou a cidade vermelha; em consequencia de ser construida com certa casta de barro vermelho, segundo uns; segundo outros, em obsequio da tribu de Mohammed Alhamar. O que é certo é que os muros do edificio são construidos com uma argamassa encarnada, que pelo correr do tempo se tem tornado rija como pedra. Ha uma tradição

mourisca em que se diz que Mohammed 2.º era alchimista, e que da sua sciencia occulta tirára os meios para alevantar esta obra maravilhosa. Semelhante tradição prova quão desmesuradas sommas se gastaram em edificar a Alhambra.

A pouca distancia desta se ergue o *Cerro do Sol*, no qual está situada a *Generalifa*, especie de casa de campo, onde os reis mouros passavam os mezes de verão. O palacio da *Generalifa* é obra do mesmo gosto da Alhambra. O sitio é aprazível: as vistas variadas e attractivas. Ha aqui fontes que repuxam acima das mais altas arvores, muitas cascatas, terrados que vão subindo em amphitheatro, cyprestes corpulentos, e velhas murta, que outr'ora davam sombra aos reis e rainhas de Granada. Entre todas as arvores avulta o cypreste da *rainha sultana*, debaixo do qual foi colhida de improviso a rainha e o Abencerrage seu dilecto, segundo se conta nos antigos rimances granadís.

Tem a Alhambra um governador, que de ordinario vive em Granada, e os guardadores do castello são invalidos que servem de guias aos curiosos que ahi vão.

AMOR DO TRABALHO.

UM dos maiores e mais importantes beneficios, que se podem fazer aos homens, e em especial á classe popular, é inspirar-lhes o amor do trabalho: mostrar-lhes a sua utilidade, as suas inapreciaveis vantagens, os seus felizes resultados; fazer entrar este assumpto, como parte essencial, no plano da instrucção das primeiras escholas.

O trabalho é o destino commum de todos os homens, que existem sobre a terra: *comerás o pão* (disse Deus ao nosso primeiro pai) *comerás o pão á custa do suor do teu rosto*. Quem trabalha cumpre com o seu destino; obedece á voz do seu Creador.

O trabalho é a verdadeira pedra philosophal, que os antigos com tanto empenho, e tanto em vão, pretenderam indagar. A pedra philosophal consistia em converter os metaes em ouro. O homem tem em si mesmo a arte de crear o ouro: basta-lhe pôr em movimento os seus braços e as suas mãos.

O trabalho não deslustra, antes ennobrece e exalta a dignidade do homem. Pelo trabalho consegue o homem subjugar a natureza, e fazer-se senhor della; conquista as suas riquezas e o seu poder; transforma de mil modos os seus productos, e os multiplica; governa em fim a seu arbitrio, e faz fecundas as forças, que ella tem dispersas, e talvez ociosas, pelo ar, pelas agoas, no seio da terra, e pelo mais recondito dos elementos.

O trabalho fixa, e ao mesmo tempo entretem a inquieta actividade do homem, regulando-a e desviando-a de perigosos extravios e excessos; captiva-lhe os sentidos, e os submete a um regimen salutar. Os exercicios do trabalho previnem ou acalmam as agitações da phantasia; dissipam os seus vãos prestigios, e extravagantes chimeras; trazem o homem ao conhecimento do positivo, do util, ao paiz das realidades.

O trabalho é uma eschola de sobriedade, de temperança, de virtude, e livra o homem dos funestos perigos da ociosidade. Os vicios não entram de ordinario, ou não entram com facilidade, na casa do homem laborioso, que não tem tempo para os acolher, afagar, e animar. O homem afeito ao trabalho não se lembra do jogo; porque não necessita de buscar meios de perder o tempo; não tem occasião de entrar em rixas e contendas com os seus visinhos; não tem necessidade de usurpar o alheio para sustentar a vida. A estatística dos crimes mostra que as classes laboriosas

são proporcionalmente as que menos figura fazem no odioso e abominoso quadro das maldades humanas.

O trabalho é também uma eschola de resignação; porque nos ensina e lembra a nossa dependencia; corrige e castiga o nosso orgulho e vaidade; conduz-nos á consideração dos nossos deveres e da nossa common sorte; e é um longo e continuo commentario daquella verdade capital, que define a vida humana como um tempo de soffrimento, e como uma grande preparação para outro melhor estado.

O trabalho conserva a saude; dá força, vigor, robustez, e agilidade ao corpo; entretém a tranquillidade do espirito, a paz interior, o equilibrio das paixões, o exercicio de todas as nossas faculdades. Com o trabalho paga o homem o tributo que deve á sociedade, que o protege e defende; concilia o amor da sua familia, dos seus vizinhos, dos seus concidadãos, e dá bons exemplos a seus filhos. Em fim: o homem amigo do trabalho é essencialmente interessado na conservação da boa ordem publica; porque della depende a posse, e gozo pacifico dos fructos da sua industria.

Convençam-se bem os homens destas importantes verdades. Tomem os pais, e os mestres a seu cuidado inspira-las no animo dos seus filhos e discipulos. Procurem os parochos introduzi-las em seus discursos e exhortações, empregando nisto toda a efficacia do seu zelo, toda a influencia do seu respeitavel ministerio. Mostrem ao povo quanto é agradável a Deus, que cada um, trabalhando, cumpra com o que elle lhe ordenou: digam-lhe que as Sanctas Escripturas estão cheias de preceitos e de maximas sobre este objecto: de severas invectivas contra a priguica e ociosidade; de terriveis pinturas dos funestos effeitos destes odiosos vicios.

O povo é naturalmente religioso e christão; mas é necessario dirigir-lhe bem esta feliz propensão, e não abusar della. Para isto basta expôr-lhe singelamente a verdade e fazer-lh'a sentir.

OS PRIMEIROS REIS PORTUGUEZES — ANTIGAS DISSENÇÕES COM ROMA

1.º

DEPOIS da morte do Conde D. Henrique, sua mulher a rainha D. Tareja, ficando com a administração de Portugal, se havia ligado com D. Fernando, conde de Trastamara, fidalgo gallego, por laços cuja especie é hoje duvidosa. O infante D. Affonso Henriques, temeroso de ser desapossado da herança do reino, fez guerra a sua mãe, e n'uma batalha juncto de Guimarães a prendeu e lançou em ferros. Affonso 7.º de Leão pretendeu liberta-la, mas foi derrotado em Arcos de Valdevez: — dahi a pouco voltou mais reforçado, e poz cerco a Guimarães, onde estava o infante D. Affonso; foi então que succedeu o celebre caso de Egas Moniz, de que brevemente fallaremos.

Nesta epocha, segundo as remotissimas chronicas, repositorio onde, pela maior parte, se lançavam em escriptura, no 14.º e 15.º seculos, as tradições nacionaes, começaram as dissensões dos nossos reis com a côrte de Roma. Posto que a auctoridade destas chronicas seja controversa, ninguem lhes poderá negar veneravel antiguidade, e os factos nellas contidos, que aos nossos escriptores approuve negar, não foram combatidos com razões assaz poderosas para destruir em nós toda a crença nos primeiros monumentos da nossa historia. Seja como fôr, eis o que essas antigas memorias dizem da intervenção da côrte de Roma nas dissensões de Affonso Henriques com a rainha sua mãe.

O papa, que nestas eras tenebrosas se intrometia em todas as mudanças politicas, que com rapidez succediam umas apoz de outras na Europa revolta, ou porque D. Tareja o tivesse occultamente attrahido á sua parcialidade, ou elle o fizesse em obsequio d'elrei de Leão, ou porque, finalmente, fosse movido pela persuasão de que, do alto do seu throno pontifical, devia dirigir todas as acções dos principes, que o reconheciam por cabeça da igreja, ordenou a D. Affonso, por via do bispo de Coimbra D. Bernardo, que soltasse a rainha sob pena de excommunhão, coisa que naquelles tempos, ainda sendo injusta, tinha consequencias fataes. Recusou o principe obedecer. Contase que então o bispo o excommungára, e fugira alta noite de Coimbra, onde estava a côrte; que no dia seguinte, sabendo D. Affonso da fuga do bispo, mandára reunir o cabido para que elegesse outro prelado, e que, recusando os conegos faze-lo, ordenára a um clerigo preto, que encontrára ao sair da sé, que se revestisse para dizer missa, assegurando-lhe que o nomeava bispo. Entretanto o papa, vendo que o principe lhe desobedecia, assentou em enviar-lhe um cardeal com o titulo de legado, esperando por este meio alcançar seu intento, recommendando-lhe ao mesmo tempo renovasse a excommunhão no caso de D. Affonso persistir em seu proposito. A noticia da chegada do cardeal assustou os nobres que seguiam o principe; mas este lhes assegurou que se o legado se descommedisse, seria severamente castigado. Nos paços da Alcáçova, em Coimbra, recebeu D. Affonso o legado do papa, e lhe declarou que não estava d'animo de obedecer ás suas intimações; e com tal vigor lhe fallou, que o cardeal fez pôr de noite o interdicto, e fugiu immediatamente. Ao romper o dia soube o principe da sua fuga, e cheio de furor pelo insulto que recebera, o seguiu, acompanhado de poucos cavalleiros. Breve o alcançou, e já tinha travado delle para lhe cortar a cabeça, se os fidalgos lh'o não embaraçassem. Deixou-o em fim partir, obrigando-o primeiro a jurar que a excommunhão seria levantada logo, e que nunca mais o papa se intrometteria nos negocios de Portugal.

O judicioso historiador Fr. Antonio Brandão julga uma fabula este acontecimento, fundado em ser o bispo D. Bernardo parcial de D. Affonso, e por elle elevado á dignidade que exercia; razão, em verdade, de pouca monta, para quem sabe a influencia que o bispo de Roma tinha no espirito dos outros prelados nos seculos tenebrosos da idade media, e como o clero, que então era um estado no estado, cortava por todos os respeitos, para conservar a unidade e força do poderio sacerdotal.

Dahi a pouco apparece o bispo de Coimbra confirmando, com os outros magnates da côrte de D. Affonso, varias doações deste principe, o que não deve admirar, porque também em muitos desses documentos se lê, entre os confirmantes, o nome de D. Tareja e o do conde de Trastamára, com quem as desavenças do principe tinham sido maiores do que com o bispo D. Bernardo.

Socegado D. Affonso das inquietações domesticas, proseguiu na guerra dos Mouros, a quem conquistou quasi todo Portugal. A batalha de Ourique lhe assegurou a corôa e o titulo de rei, que herdou a seu filho D. Sancho. As grandes victorias que alcançou lhe ganharam o nome de grande capitão. Chorado dos soldados que o amavam por sua liberalidade e brandura, morreu em Coimbra em 1185, pouco mais ou menos de 90 annos, e foi sepultado no Mosteiro de Sancta Cruz.

No mesmo anno em que seu pai falleceu, começou a reger os povos o principe D. Sancho, no 32.º

anno da sua idade. Portugal estava subjugado, e o paiz começava a gosar de uma profunda paz. O moço rei voltou, por tanto, todos os seus cuidados para a boa administração da republica, fazendo povoar as villas e cultivar os campos, assolados da guerra: mas não durou muito esta tranquillidade. Os Mouros continuavam ainda a habitar o Algarve; uma grossa armada de cavalleiros da cruzada arribou a Lisboa com um temporal: convidou-os logo D. Sancho para o ajudarem a conquistar Silves: combatida a cidade, depois de larga resistencia foi tomada; e os defensores da religião seguiram sua viagem carregados de despojos,

custando muito a D. Sancho alcançar delles que não passassem á espada todos os captivos. Os Mouros d'Hespanha, aggravados desta guerra, entraram por Portugal, devastaram-no, e retomaram Silves. Por outro lado a peste e a fome faziam horriveis estragos, de modo que elrei se viu obrigado a pedir aos Mouros tréguas, as quaes brevemente quebroa. Depois de varia fortuna, nas guerras que teve com os Leoneses e com os Mouros, e de um reinado de vinte e sete annos, morreu em 1212. — Seus ossos foram sepultados ao pé dos de seu pai, no mosteiro de S. Cruz de Coimbra.



A SERPENTE E O JACARÉ.

OS JACARÉS, OU CAIMÃES.

(*Lacerta alligator*. LIN.)

ESTA gravura representa, com as convenientes dimensões, um destes formidaveis reptís no acto de agarrar uma serpente, que tentava devorar-lhe os ovos. Os maiores inimigos do augmento destas horridas creaturas são as serpentes de todas as especies, que abundam nos chimas quentes, onde os jacarés habitam, e lhes quebram, e comem grande quantidade de ovos; porque é tamanho o numero dos que poem, que se não estivessem sujeitos a innumeraveis accidentes, os paizes, onde ha jacarés, estariam completamente inchados delles. Do mesmo modo um pequeno quadrupede, o *ichneumon*, ou rato de Pharaó, descobre e destróe os ovos do crocodilo do Nilo, especie congenera desta de que fallamos.

Todos os animaes destas especies, que são quadrupedes oviparos, e que pertencem ao genero dos lagartos, geralmente se denominam segundo os paizes em que se encontram. A palavra original *crocodilo* especialmente se usa para os que abundam em o Nilo, e mais partes d'Africa; os Francezes e Inglezes chamam *gavial* ao crocodilo do Ganges, que se acha nas In-

dias orientaes; e os Inglezes chamam *alligator* ao da especie do Novo Mundo, que os Francezes denominão *caïmen*; e nós, e os Hespanhoes, *jacarés*, ou *caimões*. Ainda nesta ultima especie se distinguem os da America do Norte dos da America do Sul; e o nome de *alligator* foi dado originariamente aos primeiros pelos colonos britannicos da Carolina, da Luiziana, e de outros Estados meridionaes da União Americana, por que se encontram em seus paizes.

Com tudo, os caracteres proprios do *alligator*, ou jacaré, pelos quaes se distingue dos crocodilos do Mundo antigo, não são de tal importancia, que possa suppôr-se que influem nos seus habitos e economia animal, e devam por isso formar generos distinctos e separados; e com effeito contar a historia de uns é contar a dos outros: os seus habitos e propensões são exactamente os mesmos, e a differença que existe em pequenas particularidades de estrutura, é tal que não póde considerar-se como caracter *gererico*, mas puramente *especifico*. Tal é a opinião, para nós de muito pezo, do mais insigne naturalista moderno, o Barão Cuvier.

Os caracteres geraes, communs a todos, são; a maior estatura no seu genero; porque os crocodilos d'Africa excedem muitas vezes a vinte e cinco pés de

comprimento; e os jacarés do Brasil tem de quatorze a dezoito pés; a cauda da fórma de uma pyramide conica, mas um tanto achatada pelos lados; um grande numero de dentes desiguaes e agudos em a boca extremamente rasgada, e cinco dedos nos pés e mãos mais ou menos separados por uma membrana: vivem nos grandes rios e lagos dos climas quentes; e são carnivoros e crueis.

Os naturaes dos districtos, onde elles habitam, teem, como é de supôr, medo constante de tão enormes individuos: comtudo, ainda que o seu poder de fazer mal é muito grande, a sua natural timidez, e o gráu inferior das suas faculdades de instincto, lhes permitem, comparativamente, poucas occasiões de o praticar. Além disso, o pezo immenso do rabo (que é um poderoso instrumento de progressão pela agoa, e influe ainda mais do que o espalmado dos pés nos habitos aquaticos destes animaes), e a estructura anatomica do pescoço, cujas vertebras são dispostas de modo que não pôde voltar a cabeça para os lados, lhes difficultam o passo, e os movimentos rapidos em terra; e lhes podem facilmente escapar furtando-lhes as voltas. E tanto conhecem a sua inferioridade neste ponto que se retiram para o elemento que mais frequentam ao menor assomo de perseguição.

Muitas, e extravagantes fabulas se tem contado ácerca destes animaes, e até as fingidas lagrimas do crocodilo teem servido de simile poetico; dellas viremos a tractar em outro artigo, por não alargarmos este demasiadamente. Pelas ultimas observações se lhes reconheceu a falsidade. Entre outros erros supozeram que elles possuíam a faculdade, que não têm outro animal, de mover a queixada superior em vez da inferior; e a isto deu causa o modo particular porque a queixada inferior adere á superior. Nos quadrupedes, o ponto em que os ossos desta se ajuntam é sempre na *parte inferior*, mas nos crocodilos esse ponto é sempre *muito para traz*, e em consequencia da curteza das pernas, e da grande extensão do queixo, o reptil é compellido a alevantar a cabeça para traz primeiro que possa abrir a boca; e esta operação produz em certo modo a apparencia de movimento do queixo superior. A boca é muito rasgada, e se prolonga consideravelmente para a parte posterior dos olhos; é guarnecida em cada queixo com uma ordem singela de dentes conicos, todos de diversos tamanhos, e afastados uns dos outros, que são mudados successivamente, e substituidos por outros de maiores dimensões, á proporção que o animal cresce em idade e tamanho. A lingua é curta e carnuda, em toda a sua extensão presa ao queixo inferior, pelo que a não pôde revolver, nem impellir para diante; o que deu logar a suspeitarem os antigos que o animal era privado deste orgão. Os olhos estão muito proximos um do outro na superficie superior do crâneo: as ventas formam um canal estreito e comprido na extremidade do focinho; as orelhas são fechadas externamente por duas valvulas carnosas, e por debaixo da garganta tem duas pequenas glandulas, que abrem externamente, e contém uma substancia de cheiro semelhante ao almiscar. Alguns pensam que o fluido segregado por estas glandulas obra como uma especie de engodo para attrahir o peixe, que é um dos principaes alimentos destes animaes.

Plinio refere que o crocodilo egypcio se retira a secretas concavidades, ou asylos, na proximidade do inverno, e passa os tres ou quatro mezes mais frios em um estado de lethargia, e sem tomar sustento; este phenomeno, ordinariamente chamado *hybernacão*, é quasi universal entre os reptis, e serpentes; pelo menos nas temperaturas elevadas, e nas moderadas, e tem sido repetidas vezes observado pelo que

toca ao alligator, e jacaré, ou caimão. Ao avisinhar-se a estação fria estes animaes se enterram em o lodo no fundo de algum lago estagnado, onde permanecem escondidos e em inacção até a volta da primavera. Affirmam os viajantes, que elles nunca se encontram em rios de corrente muito declive; porém são frequentes nos lagos estagnados, e nas angras, ou voltas dos rios caudalosos. Ahi andam em tamanho numero, que quasi se não podem contar, porque são extremamente numerosos nas partes remotas, e não frequentadas do Sul da America, deitando fóra as grandes, e achatadas cabeças por entre as folhas das plantas aquaticas, que cobrem a superficie da agoa, e dalli espiando a presa: tambem muitas vezes se acham tomando o sol, ou dormindo ao longo das margens. Nunca saem á praia senão nas horas mais caloras do dia, e sempre se retiram para a agoa antes do anoitecer, porque é durante a noite que andam mais activos em busca de presa. Dizem que raras vezes acomettem o homem, a não ser em defeza dos ovos, ou dos filhos; mas os jacarés do Brasil, e os caimões da Guyanna dão muitos exemplos do contrario, e são bastante atrevidos, avançando aos animaes de todos os tamanhos. As femeas poem usualmente de cincoenta a sessenta ovos em um só logar, os quaes são pouco mais ou menos do tamanho dos ovos do ganço; e os cobrem com arêa, e deixam que os tire o calor do sol; porém nunca se afastam para grande distancia: quando os filhos saem da casca teem coisa de cinco a seis pollegadas, e ellas os conduzem immediatamente á agoa. Raras vezes metade da ninhada inteira chega lá viva. Muitos são destruidos ainda nos ovos. Os abutres se emboscam, e espreitam a fema do alligator ou jacaré, quando sae em terra a pôr os ovos, que elles desenterram, e devoram, assim que a mãi se retira. As cobras tambem lhes dão boas saltadas, ainda que ás vezes pagam caro o atrevimento, como se vê em nossa estampa. Grande numero delles tragam-os os machos já crescidos da propria especie, e varias castas de peixes vorazes, que os engolem com sofreguidão. Todos estes contratempos obstam ao progresso de uma raça tão nociva; e que a não ser isso se propagaria infinitamente. Os Indios, quando os colhem, comem a carne de todas as mencionadas especies; e os Europeus, a quem a necessidade obrigou a acompanhá-los em semelhante banquete, affirmam que é delicada, e saborosa.

Mencionaremos aqui a unica particularidade de habitos, que parece distinguir o alligator, e jacaré, do crocodilo verdadeiro: o primeiro nunca deixa a agoa doce, ao passo que o ultimo frequenta tambem as embocaduras dos rios caudalosos, e até atravessa de umas ilhas para outras em distancias consideraveis.

Tambem o alligator dos Inglezes, propriamente dito, ou jacaré do Mississipi, e outras partes meridionaes dos Estados-Unidos, parece ser mais feroz e voraz do que o jacaré da America do Sul, e diz-se que, como o tubarão, prefere os Negros aos Europeus. Affirmam que os do Norte crescem até quatorze ou quinze pés de comprimento, sendo a cabeça um septimo deste; e que os do Sul crescem de quatorze a dezoito pés, sendo a cabeça pouco mais da oitava parte de todo o comprimento. Um viajante refere dos primeiros, que «elles prêam de ordinario de noite, para o que se reúnem em bandos, pondo-se á entrada de alguma angra, ou calheta, que os rios fazem, para onde previamente foram empurrando o peixe, e então berram com tal força, que podem ouvir-se a uma milha de distancia (1). Para apanhar o peixe

(1) Bartram diz que a voz delles se parece com o mugido de um touro.

mergulham por baixo do cardume, e tendo um seguro, o trazem á superficie, e o arremeçam ao ar, para deitarem fóra a agoa, que necessariamente tomaram com elle, e o tornam a apanhar de novo na quédia. Quando conseguem caçar um animal terrestre, de tamanho tal, que o não possam engolir de uma vez, o escondem pelos remansos do rio, até que apodreça, e então o arrastam para a praia, e o devoram de seu vagar, porque não tem dentes proprios para cortar e mastigar. O mesmo diz que a femêa do *alligator* só põe uma postura de ovos na mesma estação, quando, segundo a relação de La-Borde, o çaimão, ou jacaré de Surinam, e de Caienna, põe em dois ou tres diferentes periodos do anno.

Com tudo estas differenças, se existem, e as pouco importantes que se tem reconhecido na configuração destes animaes, talvez devidas aos varios climas que habitam, são mais interessantes para os naturalistas de profissão, do que para os curiosos da historia da natureza, e por isso não insistimos mais nellas.

ECONOMIA POLITICA. — PRECEITOS GERAES.

A ECONOMIA, em vez de fundar a prosperidade publica no exercicio de força bruta, estabelece-a no bem entendido interesse dos homens, que illustrados por esta sciencia desistem de procurar a ventura onde não existe, mas vão busca-la aonde teem a certeza de a encontrar.

A instrucção é o que só nos falta, e principalmente a instrucção sobre a arte de viver na sociedade.

Todos os dias somos victimas das preocupações dos tempos passados. . . . Quanto mais estudamos mais nos convencemos de que os nossos conhecimentos não contam senão um dia de antiguidade, e de que talvez seja maior o numero daquelles que amanhã terão começo.

Vale mais fundar boas escholae, e quintas para experiencias d'agricultura, do que edificar sumptuosas prisões; atalhar o infortunio e a miseria, do que construir, e manter luzidos hospitaes.

O publico, para não ser fascinado pelos charlatães, para não ser victima de privados interesses, carece de saber em que consistem os seus proprios.

Uma vez illustrada a opinião publica, o governo é obrigado a respeitá-la.

O triumpho menos incerto é o da verdade.

O estadista ignorante deve ser mais detestado que o charlatão, se compararmos os estragos que um ou outro póde causar.

Se a economia politica desacredita as ruins instituições, presta força ás boas leis.

Não ha povo ignorante que seja rico e farto.

As idéas erroneas são um mal positivo, porque induzem a medidas erroneas.

As taxas moderadas teem por inevitavel resultado o augmento do consumo, e as excessivas paralyam simultaneamente a producção e o consumo.

Convém pois levar á evidencia, e não cessar de repetir, que os direitos pesados com que se sobrecarrega um objecto de primeira necessidade, favorecem a sua falsificação e introdução illicita; porque neste caso as immensas operações de um contrabando regular, organizado, e muitas vezes hostile, são alimentadas pelo engodo do exorbitante lucro. Os excessivos direitos são quasi sempre mais proveitosos aos contrabandistas, e falsificadores, que ao thesouro, e por consequente prejudicam a um tempo a saude, e fortuna publicas; pelo contrario, quando as taxas são modicas, todos se sujeitam a paga-las, não ha lucro

que convide a fazer descaminhos, e o consumo real augmenta em uma proporção consideravel.

Nos estados em que o governo tem algum amor ao bem publico, parte das rendas do fisco se transformam em publicos estabelecimentos.

É facto mui confirmado pela experiencia, que todos os povos, cujas instituições depravam o entendimento, tem uma industria amortecida.

Um dos beneficios da economia politica consiste em habilitar-nos para darmos a cada vantagem, que alcançamos, o seu justo valor.

Um povo visinho que prospera deve ser considerado mais como um amigo util, do que como um concorrente perigoso.

As taxas chamadas *minimum*, quando dão ás coisas um preço inferior ás despezas da sua producção, além de serem um attentado contra a propriedade, teem por effeito empecer a producção e o consumo do objecto em que são impostas.

Os mais felizes estados são os que tiverem maior numero de fortunas medianas.

As nossas riquezas estão na razão da quantidade de cousas que podemos adquirir, e esta quantidade está na proporção da sua abundancia, ou, o que é o mesmo, da sua barateza; porque *abundancia* e barateza não são dois factos consecutivos, mas um só e unico facto, enunciado por duas palavras differentes. Quanto mais commum é um producto menos custa, e não custa pouco senão quando é commum.

Sem associação não ha divisão de trabalho, nem tão pouco se desenvolvem os conhecimentos.

O direito de propriedade é inherente á natureza do homem; e só da possibilidade de possuir póde provir o desejo de adquirir.

A nação que contar mais numerosos e eminentes talentos industriaes será a nação mais opulenta.

A legislação mais proficua á industria é aquella que proporciona a todos no mais alto gráu a liberdade e a segurança das pessoas e das propriedades.

Não consiste a corrupção em buscar coisas uteis, commodas, e agradaveis, porém em ter gostos depravados, mais perigosos que uteis: é pelo contrario subir a mais alto gráu de civilisação, é viver mais, é ser o homem mais completo, o procurar as commodidades da vida. — *J. B. Say*.

RATONEIROS FRANCEZES DO SECULO 16.º

NAS *Antiquidades de Paris* por Sauval se encontra a seguinte noticia da habilidade dos ratoneiros no tempo de Luiz 13.º

Para chegar ao gráu de mestre corta-bolças era preciso, afóra outras coisas, levar a cabo duas obras primas da arte, perante os demais consocios. No dia da primeira prova atava-se a qualquer viga do tecto de um quarto, uma corda com um boneco pendurado cheio de guizos, e com a competente bolsa no cinto. O que pretendia carta de mestre era obrigado a pôr o pé direito sobre uma almofada, a encolher o esquerdo, e a cortar a bolça sem cambalear, sem o boneco se mover nem levemente, e sem tinirem os guizos. Se falhava na minima coisa, se não mostrava toda a conveniente habilidade, ficava aprendiz como dantes, e moiam-no á pancada, continuando nos dias seguintes a toca-lo bem, para lhe endurecer os membros, e habitua-lo aos máus tractos.

Se o aspirante ao nobre officio de corta-bolças tirava a limpo a primeira experiencia, exigiam del-le uma prova da sua subtileza mais difficil e perigosa. Conduziam-no os companheiros a algum logar publico, tal como praça ou igreja. Se viam algum bea-

to de joelhos, ou algum passeante com cara de parvo, ordenavam ao adepto lhe fosse cortar a bolça, na presença delles, e á vista de todos. Apenas o ladrão partia para desempenhar a missão, começavam os outros a dizer aos que passavam, apontando para elle: Eis allí um corta-bolças que vai roubar aquelle sujeito. Ouvindo isto, paravam todos para reparar nelle; e ainda bem não tinha feito o roubo, já os seus consocios, de envolta com os passageiros, se estavam botando a elle, injuriando-o, espancando-o, sem o ladrão ousar dizer que elles eram seus companheiros, nem mostrar que os conhecia. No meio do tumulto e algazarra ajuntava-se naturalmente muito povo; os ladrões faziam apertão, iam limpando as algibeiras, e cortando as bolças, e acabando com tirar subtilmente o seu camarada do meio do tropel, escapoliam-se com elle, e com o que tinham pilhado, deixando todos a gritar que estavam roubados, sem saberem como. Depois desta experiencia, assentava-se praça ao candidato em uma quadrilha, e dava-se-lhe a patente de mestre corta-bolças.



TASSO.

TORQUATO Tasso, o celebre cantor de Godofredo, nasceu em Sorrento, perto de Napoles, em 1554. Filho de Bernardo Tasso, auctor do *Amadige*, seguiu o pai para Roma, quando as revoltas da sua patria obrigaram este a deixa-la, tendo Torquato apenas onze annos. A cabo de algum tempo Bernardo Tasso se apartou do filho, mandando-o para Bergamo, e indo elle para Urbino, por se arreçar de viver em Roma. Foi o poeta feliz em buscar este asylo; porque o Duque de Urbino o acolheu com benignidade; e assim ordenou a seu filho viesse ajuntar-se com elle. Aqui seguiu Torquato os seus estudos, sendo nelles companheiro do proprio filho do Duque: mas passados dois annos, a inconstancia da fortuna os constrangeu a irem para Veneza. De Veneza o mandou seu pai cursar a faculdade de leis na universidade de Padua, onde Torquato, dando de mão ás *Institutas*, co-

meçou a seguir a carreira do seu engenho poetico. As suas primeiras obras foram, o poema de cavallaria intitulado *Rinaldo*, e varias poesias lyricas. — Diz-se que o poema *Jerusalem Libertada* o começou elle de 19 annos, estando então em Bolonha. — Em 1565 entrou Tasso pela primeira vez na cõrte de Ferrara, introduzindo-o nella o cardeal Luiz d'Este, irmão do duque Affonso. D'este acontecimento nasceram as desventuras do poeta, e o seu amoroso enleio com a princeza Leonor, irmã segunda do duque. Ao que parece, não foi ella inteiramente esquiva á paixão de um homem que, além de engenho raro, possuia os demais dotes que o podiam fazer amar. Todavia a historia lançou sobre este caso um véo mysterioso, que nunca se rasgou de todo. É certo, porém, que exceptuando uma visita que Torquato Tasso fez a Paris em 1571, nunca mais saiu de Ferrara, até a conclusão do seu poema. A este tempo já tinha estampado a egloga de = *Aminta* = uma das mais conhecidas e estimadas producções suas.

Desde esta epocha nunca mais Tasso teve um momento de socego ou ventura. O grande poeta, cujo renome já enchia o mundo, vagueou na sua mesma patria, de cidade em cidade, por varios annos, quasi como um mendigo, levando-o a este estado um quebrantamento d'espírito que nenhuma mudança de situação podia melhorar. Ferrara era com tudo o alvo dos seus cuidados, e para onde, apesar de viziveis esforços, seus affectos constantemente se dirigiam. Posto que em tal estado fosse natural que Torquato praticasse actos extravagantes, custa realmente a crer que houvesse motivo razoavel para se tomar a atroz medida, a que em 1579 recorreu o seu antigo patrono, o Duque Affonso, fazendo-o entrar como lunatico no Hospital de Sancta Anna. Nesta mansão de infelizes esteve Torquato encerrado quasi sete annos.

A princeza Leonor, que se julga ter sido a causa innocente da sua prisão, falleceu em 1581; — mas nem este acontecimento, nem as sollicitações de varios dos seus mais poderosos amigos e admiradores, puderam obter de Affonso a liberdade de Torquato.

Todavia o supposto lunatico havia empregado grande parte do tempo em exercicios litterarios, compondo muitas obras, assim em prosa como em verso, algumas das quaes foram impressas; até que por effeito de ardentes supplicas de D. Vicente Gonzaga, filho do Duque de Mantua, lhe foi dada a liberdade em Julho de 1586, e em Mantua passou o poeta o resto daquelle anno.

Torquato nunca mais voltou a Ferrara: tomando os seus andrajos de peregrino, só com o fim de satisfazer o desejo de correr mundo, que nelle era já uma especie de mania, luctou com as maiores vicissitudes da fortuna. Hoje attrahia Torquato a attenção de esplendidas cõrtes, e recebia as maiores distincções dos principes: — amanhã vagueava solitario por uma estrada, com passos vagarosos, e bolça vazia, escaceando de meios, a ponto de viver de emprestimos, ou esmolas: — e assim passou sete annos. Em Novembro de 1594 foi a Roma, onde determinaram que o maior poeta da Italia fosse coroado, bem como 250 annos antes o tinha sido o illustre *Petrarcha*. Porém, antes de chegar o dia de tão grande triumpho, foi Tasso atacado de uma doença, que logo se conheceu ser mortal. Por elle mesmo o pedir, o transportaram ao visinho mosteiro de S. Onesse, onde 30 annos havia que seu pai fallecera. Tasso expirou nos braços do cardeal Cinthio Aldobrandini, em 25 de Abril de 1595, tendo 52 annos completos.

No momento em que o cardeal lhe lançava a benção do papa, Tasso exclamou = *Esta é a corôa com que eu espero ser coroado, não no Capitolio como poe-*

ta, mas no Ceo como bemaventurado. — E dahi a pouco o poeta deixou de existir.

Um pedante italiano, e um versejador francez — Salviati e Boileau — procuraram offuscar a gloria de Tasso; mas ella será eterna: será, por ventura, acima da de qualquer outro poeta; porque, em qualquer outro difficulosamente haverá tanta poesia, como a que brota da alma generosa do cantor de Godofredo: nem custoso nos fôra o prova-lo, se os limites deste artigo no-lo permittissem. — Houve na Italia e fóra della grande debate sobre a superioridade relativa de Ariosto e Tasso: Tiraboschi provou que esta questão devia ser não de superioridade, mas de preferencia. Quem amar a poesia dá vida como ella é, lêa Ariosto: porém o que sonhar um mundo ideal — um mundo de intelligencias mais sublimes, procure-o na Jerusalem Libertada.

Preparação para defender os golpes das arvores, e para cobrir as enxertias. — Tomam-se partes iguaes de azeite de peixe, e de pez, e derrete-se tudo junto. Applica-se com um pincel, e fria, esta especie de unguento, que tem produzido os melhores effeitos na Bretanha. A composição que inculcamos tem a estimavel propriedade de nunca gretar, e de vedar a entrada da chuva ou do vento, causas que commummente fazem apodrecer os pimpolhos, e é por isso muito preferivel á terra amassada de que se usa para aquelle fim. Em lugar d'azeite de peixe, podem-se empregar os oleos da noz ou da linhaça, o azeite de oliveira, e em geral todos os azeites doces.

Maneira de conservar o toucinho. — A utilidade da seguinte maneira de conservar o toucinho é proporcional á diminuta despeza que exige, e á sua simplicidade. Depois de estar o toucinho dezeseite dias salgado, toma-se uma caixa capaz de conter tres ou quatro mantas, cobre-se-lhe o fundo com feno, e na mesma herva se embrulha cada manta de toucinho, ficando separadas umas das outras por uma camada de feno. Tapa-se a caixa em estando bem cheia e calcada com feno por igual, e deposita-se em lugar não humido, evitando o expô-la ao damno dos animaes nocivos. O toucinho guardado deste modo jámais cria ranço, e conserva excellente gosto.

Signaes de boas sanguessugas. — As sanguessugas mais dispostas a furar a pelle, mais insaciaveis de sangue, e mais proprias para se conservarem muito tempo, são um tanto chatas, teem o lombo repartido em tres partes iguaes, por quatro linhas longitudinaes, duas das quaes (as dos lados) são inteiramente amarellas, e as outras duas da mesma côr, porém salpicadas de pintas negras. A parte inferior é parda, denegrada, e pintada como o marmore. Toda a sanguessuga a que faltam estas linhas longitudinaes no lombo, péga difficulosamente, chupa pouco sangue, e conserva-se muito pouco tempo.

Contra-veneno do verdete, azebre, &c. — Julgava-se ha alguns annos ser a agua com assucar infallivel contra-veneno do verdete, e o doutor Orfila, digno de todo o credito, cuidou poder affirma-lo. Suscitaram-se depois duvidas, e o proprio Mr. Orfila confessou francamente não estar firme na sua primeira asserção. Entretanto Mr. Dulong, pharmaceutico d'Astafort, e homem credor da maior confiança, affiançou a efficacia d'um novo e simplicissimo antidoto, o qual consiste em fazer tomar ao enfermo, assim que se conceberem as primeiras suspeitas, grande quantidade de copos d'agua, cada um com uma clara d'ovo dissolvida. Para a dissolução ser perfeita deverá cada clara

d'ovo ser batida em seu diferente prato, e depois de reduzida a escuma, misturada e batida de novo com o copo d'agua, que se ha de dar ao enfermo. Este remedio, tão facil d'encontrar, vantaja-se a todos os até agora conhecidos: é um contra-veneno em toda a extensão da palavra, porque decompõe o verdete, e os outros saes de cobre, de modo que deixa o oxido em um estado que cessa de ser perigoso. Quando as colicas tiverem quasi desaparecido, administrar-se-hão bebidas e clisteres preparados com sementes de linhaças, folhas de malvas, &c., consultando sempre um medico. O azeite, muitas vezes recommendado, não póde ser util senão excitando vomitos. No caso contrario só serviria de augmentar o perigo, dividindo mais o veneno.

Arvore prodigiosa. — Uma das mais alentadas arvores de que ha memoria, era um castanheiro que existia na Sicilia haverá quarenta annos, e que talvez ainda lá exista. Muitos viajantes fallam delle, entre os quaes se conta o inglez Brydone, que o viu no meado do seculo passado. Na apparencia pareciam ser cinco arvores distinctas. — Diz-se que o espaço entre ellas era antigamente todo macisso de madeira, constituindo assim uma só arvore. Brydone, que o refere, assegura que ao principio não podia conceber como isto fosse possível; porque as cinco arvores abrangiam um espaço de duzentos e quarenta pés de circumferencia. Convenceu-se em fim; não só pelo testemunho dos habitantes das visinhanças, e pelo exame de um naturalista muito entendido, mas tambem pela observação que fez nas mesmas arvores, nenhuma das quaes tinha casca pelas faces interiores, o que bem mostrava serem troncos separados da mesma planta. Este castanheiro era tão affamado, que, segundo narra o mesmo Brydone, estava marcado n'um antigo mappa da Sicilia, publicado haveria cem annos.

Supplicio do esculptor Torregiano. — Pedro Torregiano, celebre esculptor florentino, auctor do bello tumulo de Henrique 7.º, na abbadia de Westminster, estava lavrando uma imagem do Menino Jesus para um grande de Hespanha. Não tinham ajustado o preço, porém o comprador, homem muito rico, havia promettido pagar a obra segundo o seu merecimento.

Fez Torregiano um primor d'arte; o proprio fidalgo admirou a obra com enthusiasmo, dizendo faltarem-lhe expressões para louva-la, e no dia seguinte remetteu pelos seus criados a Torregiano pesados saccos de dinheiro.

Ao ve-los o artista se julgou dignamente recompensado; porém, abrindo-os, achou... trinta ducados em moedas de cobre.

Torregiano, indignado com justa causa, lança mão d'um martello, faz a estatua em pedaços, e põe fóra da porta os domesticos com os seus saccos, ordenando-lhes que relatem a seu amo quanto acabam de presenciar.

Correu-se o fidalgo do seu procedimento; mas fazer envergonhar os poderosos é desafiar a sua vingança. Foi immediatamente procurar o inquisidor, accusou o artista de ter posto sacrilegas mãos no Menino Jesus, e fingiu tremer de susto ao narrar tão nefando desacato.

Debalde allegou Torregiano, para desculpar uma acção filha da cholera, que o creador tem o direito de destruir a sua obra; em vão clamava a justiça em seu favor, sendo o fanatismo o seu juiz. O desgraçado posto a tractos, expirou nos mais horriveis supplicios.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Crucifixo N.º 13 = 1.º andar.

LISBOA — NA IMPRENSA NACIONAL.